ARTAUD PARA FOUCAULT: O LIMITE DA LOUCURA NA LITERATURA

Bruna Dioine A. do Nascimento (PROVIC), Dr.º Daniel de Oliveira Gomes (Orientador), e-mail:setepratas@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Letras/ Literatura.

Palavras-chave: Foucault, Artaud, Loucura, Literatura

Resumo

Ponderando a possibilidade de continuar uma linha "foucaultiana" de estudos que já vinhamos seguindo na experiência como bolsista de iniciação científica anterior, vimos, agora, especificar mais questões da subjetividade em Michel Foucault, associando-o a Antonin Artaud. Sinteticamente, o que vamos objetivar será: um mapeamento de textos teóricos de ambos os autores acerca da temática da loucura e do sujeito-artista, pensando em desbravar as relações já estabelecidas entre estes autores do pós-estruturalismo francês. Queremos perceber relações com a literatura e delírio; arte e desrazão, e outros temas derivados destes.

Introdução

Foucault, em uma entrevista com Claude Bonnefoy, fala sobre sua posição em relação a escritores que foram diagnosticados como loucos e excluídos da sociedade, como Antonin Artaud:

> Não me coloco o problema da relação obra-doença, mas da relação exclusão-inclusão: exclusão do indivíduo, de seus gestos, de seu comportamento, de seu caráter, daquilo que ele é, inclusão muito rápida e, no fim das contas, bastante fácil de sua linguagem. (FOUCAUL T, 2016, p.60)

Foucault relata, acima, que prefere colocar-se diante da questão da exclusão/inclusão, pensando em Artaud.

> A sociedade costuma assumir uma postura francamente esquizofrênica ao exigir normalidade do artista ao mesmo tempo que aceita a radical idade da obra (FERNANDES; GUINSBURG, 2014, p. 13).

Esta discussão abre espaço para podermos entender o que é aceito como normal e anormal dentro dos padrões literários. Qual é a loucura aceitável e seus limites para poder ter a obra vinculada à face de seu autor? O quão aceitável é o autor viver a sua obra? Qual a relação aceitável entre o autor e sua obra? Tanto Foucault quanto Artaud são autores canonicamente considerados como autores-chaves para compreensão das relações entre autoria e obra de arte, e, sobretudo as relações entre loucura e sociedade.

As questões de inclusão e exclusão são temas tão debatidos nos campos filosóficos hoje em dia que podem ser facilmente discutidas dentro dos âmbitos literários, na relação obra-autor com a sociedade.

Os objetivos principais desta pesquisa de iniciação científica giravam em se tentar compreender o significado de loucura para Foucault ponderando as relações possíveis com a vida e obra de Antonin Artaud. Tentamos entender as concepções

gerais da loucura como potência temática de discurso nesses autores. Analisamos a questão da loucura em ambos autores como um viés da anormalidade tratada como pressuposto foucaultiano e artaudiano.

O primeiro dos objetivos desta IC estava em se tentar compreender o significado da loucura para Foucault, o que foi realizado a partir de leituras de textos chaves indicados pelo orientador, dentre eles o livro "Os Anormais" e "A História da Loucura". Também me foi indicado o livro "O nascimento da Clínica". Todas estas obras fazem parte da fase dita como arqueogenealógica do autor francês (Michel Foucault) e nelas encontramos algumas acepções da loucura e a questão de que ela não tem ou teve uma única representação.

A questão básica do ensaio do livro "História da Loucura" (Foucault lançou em 61) é que a loucura teve várias representações no decorrer dos tempos (não é algo fixo). O livro do Foucault trabalha o Renascimento (a época da cultura clássica). Vemos que esta época foi um período de extrema busca pelo saber, redefinição do homem, etc. Falamos do racionalismo (Descartes) e do capitalismo que marcam o que é o homem hoje como acepção. Ou o que o homem foi até o aparecimento de Nietzsche afirmando o fim da metafísica (de Deus) ou o próprio Foucault declarando o fim do homem.

Como dirá a psicanalista Maria Regina Prata, em seu ensaio Foucault com Freud: notas para uma leitura positiva do desejo na psicanálise, do livro "Foucault com outros nomes":

> Ao expressar a idéia de finitude através do conceito de pulsão de morte, a psicanálise ocuparia um lugar fundamental nas ciências do homem: se a finitude está perigosamente próxima de nós, é ela também que faz com que nos pensemos historicamente e que se constitua, a partir disso, todo um saber. Vale dizer, a experiência de finitude foi anunciada claramente no século XIX por Nietzsche através da morte de Deus, e em seu correlato, que é a morte do homem. "Em nossos dias, e ainda aí Nietzsche indica de longe a ponte de inflexão, não é tanto a ausência ou a morte de Deus que é afirmada, mas sim o fim do homem (...) Descobre-se então que a morte de Deus e o último homem estão vinculados (...) Assim, o último homem é ao mesmo tempo mais velho e mais novo que Deus; uma vez que matou Deus, é ele mesmo que deve responder por sua própria finitude (Foucault, 1966/1987, p.402)."

Com o surgimento das casas de correção, instituições hospitalares e de punição, o lugar do louco passa a ser este: era tal como o do criminoso. Vemos que quando Artaud se expressa como louco, está propondo um delírio como discurso diferente desta idade clássica onde a base da loucura se põe por definição da razão. Ou seja, aí entra a noção de loucura (que é o oposto da razão). A Loucura antes do renascimento (loucura medieval) era perdida na dimensão do absoluto, estava em toda parte, era uma presença mais generalizada e com menos processos sutis de normalização. Tanto Artaud quanto Foucault demonstram a invenção da diferença razão/desrazão, onde o conceito de loucura é dado desde o outro, o louco é o sujeito sem razão. A loucura nem sempre foi vista como um *phatos,* a loucura nem sempre foi patológica. Na verdade, Foucault quer mostrar que o problema da loucura é "contaminar" a razão, e o processo operado pelo teatro e a biografia de Artaud vem na mesma ordem, a loucura é perigosa para a razão. No caso dos estudos de Foucault é perigosa para a razão que é fundada na Renascença, porque agora é vista como "desrazão". Descartes dizia "penso logo existo". Se o louco não pensa como as pessoas normais, então não existe como normal. A existência do louco

acaba sendo considerada inferior. Louco não tem cidadania, lugar ou razão. Já Artaud demonstra em seus estudos sobre Van Gogh que seu ritmo de produção alucinante, sua postura insurgente e não-subserviente com o que lhe exigiam como razão, bem como seus traços de esquizofrenia (que Artaud compartilhava como potência) ali estavam para fazer oscilar as relações de poder da própria sociedade que o "suicidou". Artaud fala que no teatro é preciso ser um corpo sem órgãos. A linguagem pra Artaud não se resume só à linguagem verbal, mas é também corporal. A importância da performance como potência de sentido, e não apenas o conteúdo em si.

Pudemos notar que a consideração moderna de loucura aparece junto com o produto de técnicas de enclausuramento e de exclusão do louco (mas louco era apenas todos aqueles que não se adaptavam aos novos padrões instaurados no Renascimento). Notamos, por fim que, tanto Foucault quanto Artaud, assumem posturas que alguns associaram a uma "antipsiquiatria", quer seja, eles notam em suas obras e atitudes que a busca de cura do dito "doente mental" se dá por um sentido disciplinar moral, onde surge as técnicas biopolíticas e as disciplinares que buscam "dobrar" o louco à sociedade normal.

Para finalizar, como dirá Claudio Willer,

> Assumindo a ótica de Artaud, distinguir entre categorias como normalidade e loucura, ou entre arte, sintoma e delírio, é uma falsa questão. É inevitável, ao discuti-lo, adotar a perspectiva e o tipo de epistemologia defendida por Michel Foucault na parte final de As *Palavras e* as *Coisas,* e, a meu ver, de modo mais consistente pelo surrealismo. Consiste em pensar o delírio, tanto quanto o sonho e a criação poética, como meios de conhecimento. Assim como a linguagem científica abre campos de conhecimento, a linguagem não-instrumental, não- discursiva, abre outros campos de experiência do real. Entender o inconsciente como consciência não-discursiva ajuda a esclarecer a modernidade de H61derlin, Nerval, Lautréamont, Corbiére, Germain Nouveau, Jarry e Artaud. Permitindo a intervenção do inconsciente, rompem com o discursivo e com a sociedade: rompem com o discurso da sociedade. Fazem arte revolucionária, pela radicalidade da rebelião individual, e por sua crítica à realidade: por isso falo em tomá-la como meio de conhecimento, e não apenas como algo a ser interpretado, como objeto do paradigma clínico ou de uma teoria literária. A inserção consciente de Artaud na tradição da ruptura acentua o caráter universal de sua contribuição, por mais que esta se tenha manifestado de modo particular, irredutível, que não permite uma escola ou doutrina de seguidores, apesar da sua influência em tantos campos da modernidade: teatro, poesia, contracultura, antipsiquiatria. É universal por expressar contradições fundamentais, entre o sujeito e o mundo que lhe é exterior, o imaginário e o real, o absoluto e o contingente, o poético e o prosaico. (WILLER, p.06)

Revisão de literatura

A metodologia e métodos empregados foi um primeiro contato e subsequente aprofundamento na obra de Michel Foucault, no que tange ao tema da loucura, e na obra de Antonin Artaud e seus críticos literários.

A pesquisa foi bibliográfica, buscando sempre analisar e compreender as relações entre Antonin Artaud, sua obra e a crítica de sua obra com o olhar foucaultiano. A pesquisa se desenvolveu através de análise, interpretação e comparação de dados literários e de crítica da obra do autor. A priori, podemos citar as obras localizadas entre os anos 60 e 70, "O teatro e o seu duplo" (1964) e "A Linguagem e a Vida" (1970), ambas de Artaud, e as de Foucault seriam: liA História

da Loucura" (1961); "Microfísica do Poder" (1979); "Os Anormais" (2001); O Belo Perigoso (2016).

Resultados e Discussão

Por meio desta pesquisa, esclarecemos melhor o significado de loucura para o autor Foucault, além de aplicar este sentido à loucura de Antonin Artaud e no modo como ela se refletiu na obra do autor.

Buscou-se, também, compreender a questão da loucura dentro do meio literário como um todo e conseguir classificar o que é normal e anormal nos padrões vigentes.

Conclusões

Por meio da análise foucaultiana, pudemos compreender os motivos que levam à aceitação de obras literárias que trazem a loucura como tema, e a não aceitação dos sujeitos que as produziram enquanto portadores desta condição. Notamos que tanto Artaud quanto Foucault possuem um elo no que diz respeito a uma posição antipsiquiátrica, onde a condição médica, ou clínica surge como coerção de uma cura pela imposição da razão ou da normalização. Pudemos notar que a consideração moderna de loucura aparece junto com o produto de técnicas de enclausuramento e de exclusão do louco.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador pela paciência e ao CNPq pelo auxílio financeiro no início de vigência desta iniciação científica.

Referências

ANZ, Thomas, *Literatura, cultura, enfermidad.* Wolfgang Bongers y Tanja Olbrich (orgs). Buenos Aires: Paidós, 2006.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh* o *suicidado da sociedade.* Trad. Aníbal Fernandes, Lisboa: MM, 1987.

___ o *Oeuvres Completes.* Paris, Gallimard, 1976.

BAUDRILLARD, Jean, A *transparência do mal:* Ensaio sobre os fenômenos extremos. São Paulo: Papirus, 1990.

DELEUZE, Gil/es. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FLORENCE, Maurice, "Foucault, Michel, 1926 (-1984)" in *Revista de Filosofia Anábasis,* Madrid, ano 111, Núm. 4, *1996/1.*

FOUCAULT, Michel,Os *anormais.* Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

_____ . O *nascimento da Clínica.* Petrópolis: Vozes, 1998. _____ . *História da Loucura na Época Clássica.* São Paulo:
Perspectiva, 1978.

_____ . *Vigiar* e *Punir.* A História da violência nas prisões. Petrópoliz:
Vozes, 1977.

_____ .*Nietzsche, Freud* e *Marx, In Nietzsche, Cahiers de Royaumont Philosofie,* Paris, 1968

_____ .*As palavras* e as *coisas,* São Paulo, Martins Fontes, 1987 TRONCA, Italo. "Foucault e a Linguagem delirante da memória" in: *Imagens de Foucault* e *Deleuze, ressonâncias nietzschianas.* Margareth Rago (org), Rio de janeiro: DP&A, 2002.

WILLER, Cláudio, *Arlaud, Loucura* e *Lucidez, tradição* e *modernidade.* disponível em http://triplov.com/surreallartaud_willer.html.